

## Expressões de tempo decorrente com *ter* e *haver* na fala carioca

Juanito Avelar<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Dentre as construções do português brasileiro em que *ter* e *haver* podem se alternar, incluem-se as expressões de tempo decorrente (ETDs), destacadas em itálico nos exemplos em (1)-(2) a seguir. Essas expressões servem para indicar o tempo decorrido entre um estado de coisas e um determinado ponto (nem sempre explícito no enunciado) do eixo temporal. A ETD pode ser exata, indicando uma quantidade precisa de tempo (com em *há cinco anos* ou *tem duas horas*), ou difusa, quando essa quantidade é apresentada de modo inexacto ou aproximado (como em *há algum tempo* ou *tem cerca de dois anos*).<sup>2,3</sup>

- (1) a. “já *tem mais ou menos 25 a 30 anos* que eu saí da família”  
(CENSO / 00 13 Rec)  
b. “*tem duas semanas* que a gente nem se fala” (NURC-RJ/90 003)

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>2</sup> O estudo inicial que serviu de base a este trabalho foi feito em parceria com Sonia Cyrino (IEL/Unicamp) e apresentado no VIII Seminário do PHPB (Para a História do Português Brasileiro), sob o título *Ter e Haver na história do português brasileiro: variação, conservação e mudança* (Avelar e Cyrino, 2010).

<sup>3</sup> Os dados extraídos das amostras de fala analisadas serão apresentados entre aspas e seguidos de sua fonte, com as seguintes informações: amostra (NURC-RJ ou CENSO) e década, número do inquérito e, se for o caso, indicação de que se trata de um indivíduo já entrevistado numa década anterior (Rec, de *recontato*). Os dados obtidos por meio de introspecção serão apresentados sem aspas.

- c. “o camarão chegou agora, *tem duas hora* que ele chegou aqui” (CENSO / 80 03)
  - d. “*tem mais de quinze anos* que [esse pulôver] tá lá na sala” (NURC-RJ/90 096 Rec)
- (2)
- a. “*há muito tempo* que eu não tenho tido contato com ela” (CENSO / 80 04)
  - b. “*há doze anos* que nós organizamos o natal dos velhinhos” (CENSO / 80 48)
  - c. “já é formada *há bastante tempo*” (CENSO / 00 14 Rec)
  - d. “*há muitos anos* que eu não participo [de festa junina]” (NURC-RJ/90 052 Rec)

Analisando o comportamento das ETDs a partir de juízos de (a)gramaticalidade e do comportamento demonstrado por essas expressões na oralidade (em particular, na fala carioca), este trabalho irá propor que a referida alternância entre *ter* e *haver* é reflexo da variação entre dois padrões estruturais sintaticamente distintos – um de base oracional, construído com *ter*, e outro de base nominal, construído com *haver*. Nesse sentido, a alternância entre os dois itens é apenas superficial, tratando-se, na verdade, não do uso de um item pelo outro dentro de uma mesma estrutura sintática, mas da sobreposição de dois padrões sintáticos estruturalmente distintos que servem à expressão de tempo decorrente.<sup>4</sup>

O estudo também aborda um contraste relacionado ao grau de escolarização dos falantes, observando a frequência das ETDs com cada verbo nas três últimas décadas do século XX: entre os falantes com curso superior, os índices de frequência por grupos etários sugerem uma mudança em progresso, enquanto entre os falantes sem curso superior, os mesmos índices parecem refletir uma variação estável. Entre os indivíduos analisados, as ETDs com *ter* só ganham espaço entre os falantes com nível de instrução superior na década de 90, mas são frequentes entre os falantes com médio ou baixo nível de instrução ao longo de todo o período analisado.

---

<sup>4</sup> Mória (1998) chama a atenção para o fato de que o complemento de *haver* em ETDs pode ser um predicado de quantidades de tempo (como em *há muito tempo*) ou um predicado temporal indicativo de intervalos (como em *há cinco refeições*). As ETDs com *ter* também admitem as duas possibilidades, que não parecem, pelo menos à primeira vista, ser um fator que influencie ou favoreça a ocorrência de um ou outro verbo.

A análise segue a proposta de Tarallo & Kato (1989) no que tange à possibilidade de conciliar a metodologia dos estudos variacionistas de base laboviana com pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros.<sup>5</sup> Em linhas gerais, explora-se a ideia de que a formalização de fatos gramaticais à luz de pressupostos gerativistas pode se apoiar em resultados obtidos por meio dos mesmos procedimentos metodológicos aplicados em análises variacionistas de base quantitativa e qualitativa. Da mesma forma, abordagens de cunho variacionista podem explorar pressupostos de base formal como ponto de partida para a descrição e análise de dados, nos moldes sugeridos em Labov (1972).

Antes de prosseguir, cabe chamar a atenção para o fato de que não apenas *ter* e *haver* servem a expressões indicativas de tempo decorrente em variedades do português brasileiro. Verbos como *fazer*, *completar*, *passar* e *dar*, em construções como as exemplificadas a seguir, também ocorrem nessas expressões.

- (3) a. *Faz anos* que eu não vou à Europa.  
 b. *Já completou cinco horas* que o avião decolou.  
 c. Se *passaram dias* até que as crianças fossem encontradas pelos pais.  
 d. Ainda *não deu trinta minutos* que eu coloquei o bolo para assar.

Este trabalho ficará circunscrito à análise de casos com *ter* e *haver* pelo fato de esses itens serem parte de um mesmo paradigma sintático-lexical na história do português, servindo tanto às expressões possessivo-existenciais quanto a locuções de auxiliaridade verbal. Os dois verbos já travaram outras “batalhas” no campo de vários padrões oracionais (construções possessivas, construções existenciais, construções participiais, construções para a expressão de futuridade e obrigatoriedade, entre outras) em diferentes estágios e variedades da língua (Mattos e Silva, 1989, 1997; Sampaio, 1978; Viotti, 1998; Callou e Avelar, 2003; Avelar, 2009a, 2009b; Silva, 2010). As ETDs são mais um campo de batalha entre os dois itens, podendo, em última instância, revelar aspectos importantes para o estudo das construções de base existencial na diacronia do português brasileiro.

<sup>5</sup> Para a análise de expressões de tempo decorrente em português a partir de outras perspectivas teóricas, vejam-se os estudos de Mória (1998) e Paiva (2010), entre outros.

O estudo se encontra dividido da seguinte forma: na seção 2, é apresentado um panorama dos dados que serviram de base à análise quantitativa; na seção 3, são abordadas algumas propriedades sintáticas das ETDs com *ter* e *haver*, depreendidas por meio de juízos de gramaticalidade; na seção 4, propõe-se que as ETDs com *ter* e as ETDs com *haver* se distinguem uma da outra quanto à categoria do item em variação (as primeiras são verbais, e as segundas, nominais); na seção 5, são analisadas as curvas de frequência da variação entre os dois tipos de ETD, levando-se em conta a faixa etária dos falantes e o recorte temporal; na seção 6, apresentam-se as conclusões do trabalho, com destaque para a ideia de que, no tocante às construções com *ter* e *haver*, os resultados obtidos indicam uma aproximação entre fala culta e fala popular na variedade carioca do português.

## 2. Os dados: levantamento e quantificação

Foram analisadas 282 ETDs, extraídas de inquéritos realizados entre as décadas de 70 e 90, com indivíduos que nasceram e/ou residiram a maior parte de suas vidas na cidade do Rio de Janeiro. Os inquéritos pertencem a amostras dos projetos NURC-RJ (Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro<sup>6</sup>), das quais foram obtidas 112 ocorrências, e CENSO / PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua<sup>7</sup>), das quais foram obtidas 170 ocorrências. Os falantes foram divididos por faixa etária (15-35 anos; 36-55 anos; 56 anos em diante) e escolaridade (com e sem nível superior, respectivamente do NURC e do PEUL).

A abordagem quantitativa se fixou na análise estatística, restringindo-se à simples observação de frequências em *estudo de tendência* (ou seja, considerando o comportamento da comunidade, e não do indivíduo, no intervalo de tempo considerado). A abordagem probabilística (com base em resultados do Goldvarb) e o *estudo de painel* ficarão para uma etapa posterior, para a qual o total de ETDs será ampliado. Ainda que metodologicamente limitada para efetivar uma abordagem mais refinada, a observação de frequências foi capaz de atender aos objetivos

---

<sup>6</sup> As amostras de fala do projeto NURC (Década de 70, Recontato de 90 e Amostra Complementar de 90) analisadas neste trabalho são do tipo "diálogo entre informante e documentador". Os inquéritos estão disponíveis no seguinte endereço: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>

<sup>7</sup> As amostras de fala do PEUL (Censo 1980, Censo 2000 e Indivíduos Recontactados 2000) analisadas neste trabalho também são do tipo "diálogo entre informante e documentador". Os inquéritos estão disponíveis no seguinte endereço: <http://www.lettras.ufrj.br/peul>

imediatos deste trabalho, que se voltam, na etapa atual, ao estabelecimento de hipóteses sobre os possíveis fatores relevantes para a variação.

Das 282 ETDs levantadas, 222 (79%) são expressões com *haver*, e 60 (21%) são expressões com *ter*. Esses números revelam um contraste quantitativo com os padrões frásicos existenciais do português brasileiro, nos quais a alternância entre *ter* e *haver* também é observada: entre as orações existenciais produzidas por falantes cultos cariocas, a frequência de *ter* é maior que a de *haver* em qualquer período (década de 70 ou 90) ou faixa etária considerada (Callou e Avelar, 2002), ao contrário do que se observa entre as ETDs, em que *haver* se mostra mais frequente que *ter*. Nesse sentido, os resultados sugerem que, pelo menos entre os cariocas, as ETDs são construções ainda resistentes à superposição de *ter* a *haver*, na contramão do que se observa em outros padrões sentenciais nos quais a alternância entre as duas formas é admitida.

### 3. Propriedades sintáticas das ETDs com *ter* e *haver*

A seguir, são apresentadas algumas propriedades que permitem contrastar, no plano sintático, as ETDs com *ter* (doravante, ETD-*ter*) e as ETDs com *haver* (doravante, ETD-*haver*).<sup>8</sup> Como veremos, essas propriedades são indicativas de que não estamos diante de uma simples alternância entre *ter* e *haver*, mas da superposição de dois padrões estruturais distintos.

#### 3.1 Clivagem

Um dos contrastes de (a)gramaticalidade que mais chamam a atenção entre os casos com *ter* e *haver* diz respeito ao fato de que, quando a forma verbal da expressão se encontra flexionada no presente do indicativo, a ETD-*haver* pode ser clivada, mas não a ETD-*ter*. As construções a seguir ilustram esse contraste.

- (4) a. Foi *há mais de duas horas* que eu vi a Maria no banco.  
 b. \*Foi *tem mais de duas horas* que eu vi a Maria na banco.

Quando a ETD ocorre no final da sentença, os casos com *haver* no presente do indicativo, ao contrário dos casos com *ter*, admitem um padrão de (pseudo)clivagem sem o conectivo *que*, como nos exemplos a seguir.

<sup>8</sup> Os juízos de (a)gramaticalidade em torno das propriedades abordadas se apoiam em intuições do autor deste trabalho, nascido e criado na região metropolitana do Rio de Janeiro.

- (5) a. Eu vi a Maria no banco foi *há mais de duas horas*.  
b. \*Eu vi a Maria no banco foi *tem mais de duas horas*.

Contudo, se o verbo da ETD for realizado em outro tempo que não o presente do indicativo, como nos exemplos em (6), os casos de clivagem com a ETD-*haver* segue o comportamento da ETD-*ter*, resultando em construções agramaticais.

- (6) a. \*Foi *havia/tinha dois dias* que eu não almoçava.  
b. \*Eu não almoçava foi *havia/tinha dois dias*.

Entre os dados de fala extraídos das amostras analisadas, *ter* e *haver* apresentam a forma do presente indicativo em todas as 282 ETDs identificadas. Por esse motivo, a análise em torno das ETDs ficará, neste trabalho, circunscrita aos casos em que a expressão se realiza nesse tempo verbal.

### 3.2 O complementizador *que*

Nas construções em que a ETD aparece no início da sentença, a ausência do complementizador *que* imediatamente após a expressão causa estranhamento nos casos com *ter*, mas não nos casos com *haver*, como exemplificado em (7)-(8) a seguir.

- (7) a. *Há duas horas* (que) eu vi a Maria no banco.  
b. *Tem duas horas* \*(que) eu vi a Maria no banco.

- (8) a. *Há mais de um mês* (que) eu não vejo novela.  
b. *Tem mais de um mês* \*(que) eu não vejo novela.

Esse contraste de agramaticalidade se reflete entre ETDs identificadas nas amostras. Entre as ETDs-*haver* realizadas em posição inicial, exemplificadas em (9), o complementizador não aparece em todos os casos. Já entre as ETDs-*ter*, exemplificadas em (10), a ocorrência do complementizador é categórica quando a expressão aparece em posição inicial.

- (9) a. "*há muitos anos que* eu não participo" (NURC-RJ/90 52 Rec)  
b. "*há dez anos que* nós vamos pra Iriri" (CENSO/00 27)  
c. "*há muito tempo* [o vulcão] tava extinto" (CENSO/00 29)

- d. "*há pouco tempo* eu comecei a, a me preocupar..." (NURC-RJ/70 96)
- e. "*há uns três anos atrás* nosso barraco ia caindo" (CENSO / 80 10)

- (10) a. "já *tem quarenta e sete anos que* eu moro aqui" (CENSO / 00 15 Rec)
- b. "*tem muito tempo que* eu não passo lá" (CENSO / 00 27)
- c. "*tem uns dois anos que* a minha mãe não trabalha" (NURC-RJ/90 03)
- d. "*tem dois anos seguidos que* eu prefiro ir pra Petrópolis" (CENSO / 00 22)
- e. "*tem tempo que* eu não vô" (CENSO / 00 15)

### 3.3 Ocorrência do advérbio *atrás*

O advérbio *atrás*, que causa estranhamento quando em sequência às ETDs-*ter*, são bastante frequentes em posposição imediata às ETDs-*haver*, como nos casos em (11)-(13) abaixo. Entre os dados extraídos das amostras, foi encontrada uma única ocorrência de *atrás* com a ETD-*ter*, apresentada em (14).

- (11) a. "...eu não tinha dinheiro, isso *há cinco anos atrás...*" (CENSO / 80 26)
- b. ?? isso *tem cinco anos atrás*
- (12) a. "*há uns três anos atrás* nosso barraco ia caindo" (CENSO / 80 10)
- b. ?? *tem uns três anos atrás* nosso barraco ia caindo
- (13) a. "quando o movimento começou, *há doze anos atrás...*" (CENSO / 80 48)
- b. ?? quando o movimento começou, *tem doze anos atrás*
- (14) "Ele não foi nem eleito não. **Isso já *tem tempo atrás***" (CENSO / 80 26)

### 3.4 Adjunção adnominal

Outra propriedade relevante envolve a possibilidade de as ETDs-*haver* ocorrerem no interior de sintagmas nominais, funcionando como um termo que, da perspectiva tradicional, pode ser analisado como adjunto

adnominal. As construções em (15) a seguir exemplificam essa propriedade. Que se trata de um termo alocado no interior do sintagma nominal é confirmado pelas construções em (16), com o nome sendo clivado juntamente com a ETD, o que permite caracterizar a expressão como um constituinte do sintagma.

- (15) a. *Aquela prova há duas semanas atrás* desagradou os alunos.  
b. *A conclusão da reunião há pouco mais de duas horas no auditório da empresa* mostrou a divergência entre chefes e funcionários.  
c. *A realização desse simpósio há apenas um ano* nos impede de solicitar recursos para outro evento.
- (16) a. Foi *aquela prova há duas semanas atrás* que desagradou os alunos.  
b. Foi *a conclusão da reunião há pouco mais de duas horas no auditório da empresa* que mostrou a divergência entre chefes e funcionários.  
c. É *a realização desse simpósio há apenas um ano* que nos impede de solicitar recursos para outro evento.

Em contraste, as ETDs-*ter* não podem funcionar como adjuntos adnominais, o que se confirma pela agramaticalidade das construções a seguir.

- (17) a. \* *Aquela prova tem duas semanas atrás* desagradou os alunos.  
b. \* *A conclusão da reunião tem pouco mais de duas horas no auditório da empresa* mostrou a divergência entre chefes e funcionários.  
c. \* *A realização desse simpósio tem apenas um ano* nos impede de solicitar recursos para outro evento.

### 3.5 Preenchimento da posição de sujeito

Entre as ETDs levantadas nos inquéritos, foram identificadas algumas expressões com *ter* em que um elemento pronominal (explícito ou fonologicamente nulo) desencadeia concordância com a flexão verbal, como nos exemplos em (18)-(20) a seguir.

- (18) "*nós temos o quê? nós temos praticamente seis anos... nós temos praticamente seis anos* que nós temos isso aqui" (Censo 80 – Fal. 10)

- (19) “*eu tenho uns três anos... dois anos* que eu viajo para o Espírito Santo” (Censo 00 – Fal. 23)
- (20) “*tenho vinte e dois anos* que eu frequento [a religião]” (Censo Rec – Fal. 35)

Casos desse tipo, que são abordados em Duarte (2007), contrastam radicalmente com o comportamento das ETDs-*haver*, que não admitem constituintes em posição de sujeito. A esse respeito, cabe ressaltar que as orações existenciais com *haver* do português brasileiro também não admitem o preenchimento dessa posição. As existenciais com *ter*, ao contrário, aceitam a versão genérica do pronome *você* como sujeito (Duarte, 1999; Avelar, 2009c), como nas ocorrências destacadas a seguir.

- (21) “não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente **cê** tinha, Catumbi e, aí **você** tinha de repente uns sobrados, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que **você** tem aqueles, em geral, prédios baixinhos” (NURC-RJ/90 12)

### 3.6 ETDs interrogativas

Os dois tipos de ETDs também contrastam quanto ao comportamento de expressões interrogativas, como nos exemplos em (22)-(23) a seguir: tanto as ETDs-*ter* quanto as ETDs-*haver* admitem um termo interrogativo, como nas sentenças em (a), mas apenas os casos com *ter* licenciam o deslocamento desse termo para a posição pré-verbal, como em (b).

- (22) a. *Tem/Há quantos anos* que você não viaja?  
 b. **Quantos anos** *tem/\*há* que você não viaja?
- (23) a. *Tem/Há quanto tempo* que aquela criança não toma banho?  
 b. **Quanto tempo** *tem/\*há* que aquela criança não toma banho?

### 4. ETD-*ter* vs ETD-*haver*: estatutos diferenciados

Os contrastes sintáticos entre os dois tipos de ETD abordados na seção anterior, reunidos em (24) a seguir, indicam que a expressão

licenciadora de *ter* não é, em termos estruturais, idêntica à licenciadora de *haver*, pelo menos no que tange aos casos em que esses dois itens ocorrem na forma do presente indicativo.

(24)	ETD- <i>ter</i>	ETD- <i>haver</i>
a. Posposição do advérbio <i>atrás</i>	??	ok
b. Modificação adnominal	*	ok
c. Preenchimento de sujeito	ok	*
d. Deslocamento de termos interrogativos	ok	*
e. Clivagem	*	ok
f. Dispensa de <i>que</i> quando em posição inicial	*	ok

Antes de abordar os contrastes listados, cabe chamar a atenção para uma propriedade estrutural em comum entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver*: no interior das sentenças em que ocorrem, ambas as expressões desempenham uma função não-argumental, o que nos leva a considerar, de uma perspectiva gerativista, que esses termos se concatenam à estrutura oracional em configuração de adjunção. Sob a ótica tradicional, portanto, as ETDs devem ser analisadas como termos adjuntos, seja em função adverbial (possível para os dois tipos de ETD), seja em função adnominal (possível apenas para a ETD-*haver*, como destacado em 3.4).

Uma propriedade que corrobora a análise dessas expressões como adjuntos é o fato de serem ilhas para extração de termos interrogativos, o que pode ser atestado pelas construções em (25) a seguir: seguindo o comportamento dos adjuntos em geral, a ETD-*ter/haver* interrogativa em posição final não admite a extração do termo *quanto tempo* para a periferia esquerda da sentença, como observamos na estrutura em (b). O fronteamento do termo interrogativo requer o movimento da ETD inteira, como em (c).

- (25) a. a Maria toma aquele remédio [ tem/há quanto tempo ]?  
 b. \* [ quanto tempo ]<sub>i</sub> (que) a Maria toma aquele remédio [ tem/há t<sub>i</sub> ]?  
 c. [ tem/há quanto tempo ]<sub>w</sub> (que) a Maria toma aquele remédio t<sub>w</sub>?

Retornemos aos contrastes listados em (24), que são, como será argumentado a seguir, um ponto favorável à ideia de que as ETDs-*ter* são oracionais, enquanto as ETDs-*haver* (pelo menos aquelas em que *haver* apresenta a forma do presente indicativo) são nominais. Isso implica que

a forma *há* nas ETDs não deve ser tratada como um verbo, mas como um item que compõe o sintagma nominal, equivalendo a uma categoria prepositiva especializada na expressão de tempo decorrente. Conforme destacado por Paiva (2010), essa ideia já aparece delineada em gramáticas tradicionais, que chegam a classificar explicitamente a forma *há* nas expressões relevantes como uma preposição. As ETDs-*haver* podem, dessa perspectiva, ser equiparadas a sintagmas nominais preposicionados, com *há* tendo sofrido um processo de gramaticalização por meio do qual perde o estatuto verbal e passa a ser um constituinte do sintagma nominal. Essa ideia converge para a proposta funcional de Paiva, para quem “a expressão composta por *haver* não se caracterizaria como uma oração” (p. 147).

Vejamos como essa ideia permite explicar alguns dos contrastes listados em (24).

Quanto ao contraste em (24a), o advérbio *atrás* é largamente empregado em sintagmas nominais não-preposicionados que servem à expressão de tempo decorrente, como nos exemplos a seguir.

- (26) a. *Semanas atrás*, ficamos sabendo que a Maria viajou.  
 b. *Duas horas atrás*, os meninos chegaram da viagem.  
 c. *Dez anos atrás*, eu ainda morava no Rio de Janeiro.

Vale observar, nesse sentido, que itens adverbiais como *atrás*, *antes*, *adentro*, *acima*, *abaixo etc.* são largamente empregados no interior de sintagmas nominais com interpretação locativa temporal ou espacial, como nos constituintes em *itálico* dos exemplos seguintes.

- (27) a. *Dias antes* o suspeito tinha sido visto nas proximidades do bairro.  
 b. Os policiais entraram *casa adentro* para tentar prender os bandidos.  
 b. Os meninos correram *morro acima* sem mostrar qualquer sinal de cansaço.  
 c. Desci *rua abaixo* procurando pelas crianças.

Esses fatos sugerem que a inserção de *haver* nas ETDs com *atrás* destacadas em (26), como se pode observar em (28) a seguir, não altera o estatuto nominal das expressões. A inserção de *ter* nessas mesmas ETDs, ao contrário, resulta em agramaticalidade (ou, pelo menos, causa estranhamento, como destacado em 3.3) porque a ETD-*ter* apresenta um estatuto oracional, que não é compatível com o emprego do advérbio nas mesmas condições.

- (28) a. (*Há/\*Tem*) *semanas atrás*, ficamos sabendo que a Maria viajou.  
b. (*Há/\*Tem*) *duas horas atrás*, os meninos chegaram da viagem.  
c. (*Há/\*Tem*) *dez anos atrás*, eu ainda morava no Rio.

Quanto ao contraste destacado em (24b), a possibilidade de a ETD-*haver* funcionar como um modificador adnominal, em oposição à ETD-*ter*, também é um ponto em favor da ideia de que a primeira apresenta um caráter nominal: em português, não há qualquer restrição para que sintagmas nominais funcionem como adjuntos adnominais, desde que introduzidos por um conectivo. Se a forma de *haver* no presente indicativo em ETDs é preposicional, enquanto a de *ter* é verbal, o contraste pode ser facilmente explicado, uma vez que, ao contrário dos sintagmas nominais preposicionados, orações finitas não podem funcionar como modificadores adnominais, a não ser na situação em que são introduzidas, quando possível, por um pronome relativo.

Sobre a possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, referida em (24d), o contraste entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver* não é nenhuma surpresa frente à oposição entre o caráter oracional da primeira e o caráter nominal da segunda: as orações, mas não os sintagmas nominais, dispõem de uma posição para a ocorrência do sujeito, o que explica a possibilidade de as ETDs-*ter* trazerem um elemento que desencadeia concordância com o verbo, mas não as ETDs-*haver*.

Considerando essa propriedade relacionada à posição de sujeito, cabe chamar a atenção para o contraste observado em (29) a seguir: as ETDs-*ter* podem ocorrer como uma oração absoluta, tomando um sintagma nominal como sujeito, ao contrário das ETDs-*haver*.

- (29) a. O casamento da Maria (já) *tem três anos*.  
b. \*O casamento da Maria (já) *há três anos*.

A possibilidade de anteposição de termos interrogativos no interior da ETD, referida em (24d), também pode ser explicada frente à mesma distinção: orações dispõem de um *lócus* natural para receber elementos interrogativos (em termos gerativistas, a posição de especificador do complementizador, na periferia esquerda da oração), mas não os constituintes nominais. Daí a boa formação das ETDs-*ter* que apresentam um termo interrogativo anteposto (*quanto tempo tem*), em contraste com o estranhamento provocado pelas ETDs-*haver* quanto a esse aspecto.

Quanto às propriedades referidas em (24e) e (24f), não é claro como os contrastes envolvendo as possibilidades de clivagem e de dispensa do complementizador *que* em sequência às ETDs em posição inicial se relacionam com a oposição entre o caráter oracional e o caráter nominal dos dois tipos de ETD. Tanto orações quanto sintagmas nominais são passíveis de clivagem, o que nos levaria a esperar que, no que tocante a essa propriedade, houvesse uma convergência entre os comportamentos demonstrados por cada tipo de ETD, o que não acontece. Ao mesmo tempo, não foi possível determinar até agora qual é a relação entre o caráter oracional da ETD-*ter* e a obrigatoriedade do *que* nos casos em que essa ETD ocorre no início da sentença. De qualquer forma, o contraste entre os dois tipos de ETD no que diz respeito a essas duas propriedades revela estarmos diante de padrões sintáticos diferenciados, e não de uma simples alternância entre dois itens no interior de um mesmo padrão estrutural.

## 5. Análise quantitativa

A partir dos contrastes analisados nas seções anteriores, é possível afirmar que a alternância entre *ter* e *haver* em ETDs da fala carioca é, na verdade, resultado da sobreposição de dois padrões estruturais distintos – um com propriedades oracionais e outro com propriedades nominais. Cabe indagar se essa variação é estável ou se, ao contrário, é resultado de um processo de mudança em progresso. Como destacado na introdução, os resultados quantitativos sobre a distribuição de cada ETD entre os dois grupos de indivíduos não vão numa mesma direção: entre os falantes sem curso superior, os números apontam para uma variação estável, enquanto, entre os falantes com curso superior, os números sugerem, à primeira vista, um processo de mudança em progresso.

Os gráficos a seguir ilustram os percentuais de ocorrência nos dois grupos. Entre os falantes com alto grau de instrução, conforme ilustrado na Figura 1, a frequência das ETDs-*haver* cai de 100% para 77% no intervalo de tempo considerado, enquanto as ETDs-*ter*, que não ocorriam na década 70, chegam a 23% do total de ocorrências na década de 90. Entre os falantes sem curso superior, conforme ilustrado na Figura 2, a frequência de cada ETD praticamente não se altera entre os dois períodos.

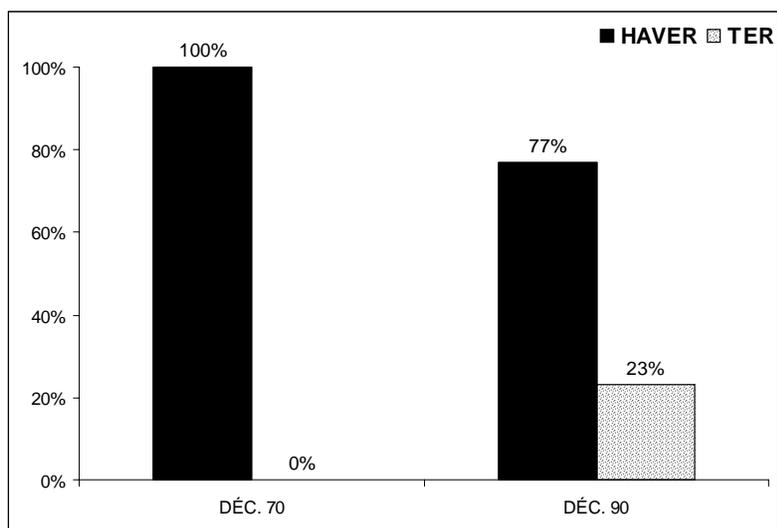


Figura 1: Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **com** curso superior, nas décadas de 70 e 90

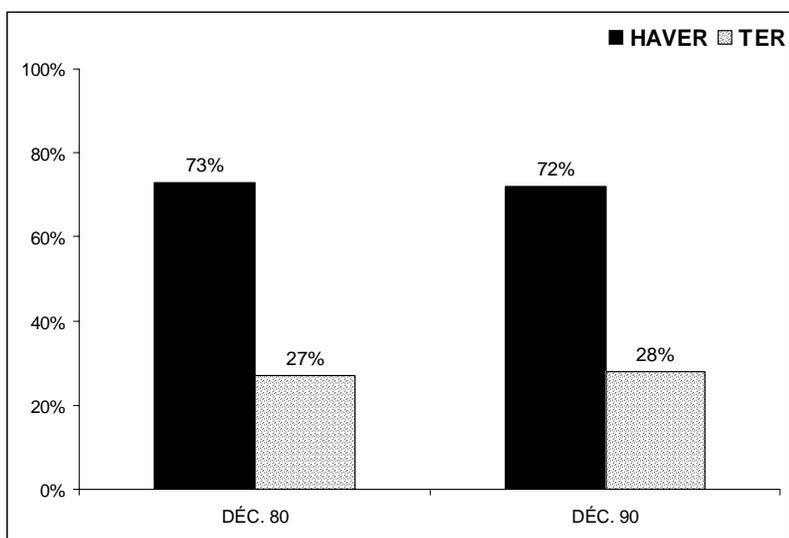


Figura 2: Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **sem** curso superior, nas décadas de 80 e 90

Esses números indicam que a variação entre os dois tipos de ETD é estável entre os falantes sem curso superior, mas sugerem que, no grupo daqueles com curso superior, a emergência das ETDs-*ter* é recente, passível de ser caracterizada, pelo menos no intervalo de tempo considerado, como reflexo de alguma mudança em progresso. As frequências atestadas por faixa etária para os indivíduos com nível superior, apresentadas na figura 3 adiante, corroboram essa ideia: as curvas de frequência entre os três grupos etários com esses indivíduos mostram o percentual de *haver* mantendo-se em 100% para os falantes da terceira faixa (com mais de 56 anos) de uma década para outra, mas caindo para 77% entre aqueles da primeira faixa (com menos de 35 anos), e para 86% entre os da segunda (entre 36 e 55 anos). A curva da década de 90 é, dessa forma, sugestiva de um processo de mudança, o que só poderá ser confirmado (ou refutado) pelo acompanhamento da variação nos anos seguintes.

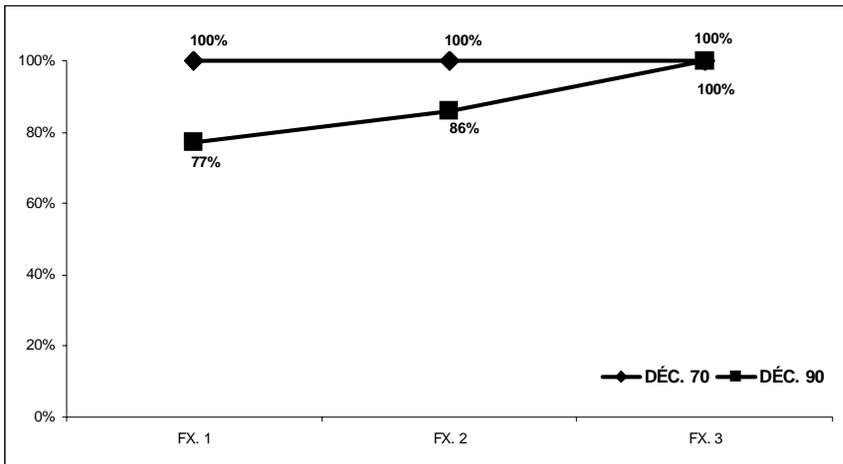


Figura 3: Frequências das ETDs com *haver* (contra as ETDs com *ter*) por faixa etária na fala carioca, entre indivíduos com curso superior, nas décadas de 70 e 90.

Entre os falantes sem nível superior, a distribuição das ETDs por faixa etária não sugere mudança em progresso, conforme o ilustrado pela Figura 4: na primeira década, os falantes da faixa 2 apresentam um percentual (93%) de ocorrência das ETDs-*haver* bem maior que os falantes da faixa 1 (60%) e da faixa 3 (75%); na segunda década, os percentuais de frequência não mostram diferenças significativas entre as três faixas etárias, variando entre 67% na faixa 1 e 75% na faixa 3.

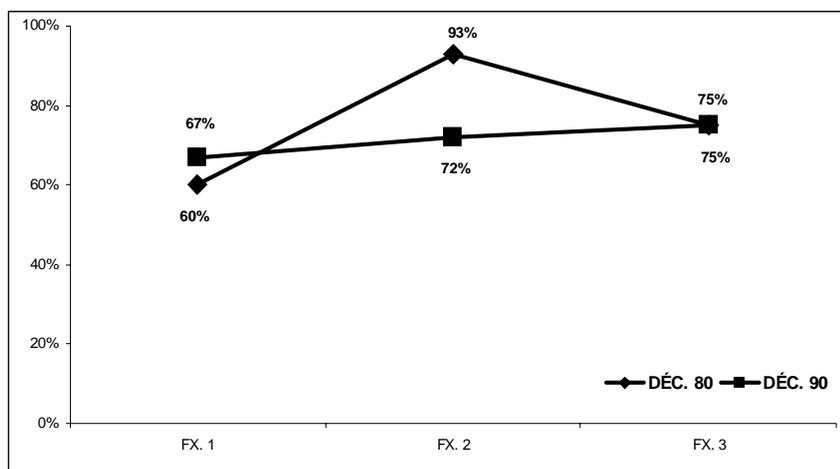


Figura 4: Frequências das ETDs com *haver* (contra as ETDs com *ter*) por faixa etária na fala carioca, entre indivíduos sem curso superior, nas décadas de 80 e 90

Não é claro o porquê de a frequência das ETDs-*haver* terem caído de 93% para 72% entre os indivíduos sem curso superior da faixa 2. Essa queda, contudo, não foi significativa para o cômputo geral das frequências, que mostram percentuais praticamente idênticos nas duas décadas (ver Figura 2) para os dois tipos de ETD entre esses indivíduos. Cabe ressaltar que, mesmo não dispondo de amostras da década 70 com indivíduos sem curso superior, é plausível considerar, levando-se em conta as curvas da Figura 4, que esse grupo já produzia ETDs-*ter* nessa década.

## 6. Conclusões

Os padrões de frequência apresentados na seção anterior indicam que as ETDs-*ter* não eram parte da fala culta carioca na década de 70, mas são produzidas pelos falantes com curso superior na década de 90. Esse fato indicia uma tendência na direção de reduzir a polarização entre fala culta e fala popular na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos no que concerne às construções com *ter* e *haver*.

O emprego de *ter* como o verbo canônico de orações existenciais, em substituição a *haver*, é uma inovação do português brasileiro que estava em processo de consolidação já no século XIX. A esse respeito, Júlio Ribeiro menciona, em sua *Grammatica Portuguesa*, que o emprego de *ter* vinha "se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas" (1914, p. 296). No século XX, a pressão normativa contra o valor existencial desse verbo aparece em gramáticas como as de Napoleão Mendes de Almeida,

para quem “constitui erro grave, e todo possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de *existir*” (2005, p. 42).

Essa pressão normativa parecia se refletir, de certa forma, na variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais da fala culta carioca na década de 70, período em que *haver*, apesar de já ser menos frequente que *ter*, ainda ocorria em cerca de 37% dessas construções (Callou e Avelar, 2002). Na década de 90, esse percentual é reduzido para 2% entre os falantes cultos mais jovens, evidenciando que a pressão normativa não foi bem sucedida na tentativa de evitar o avanço de *ter* sobre *haver*.

Os padrões de frequência atestados para as ETDs também podem estar relacionados ao insucesso da mesma pressão, com a fala culta se aproximando da fala popular no que tange à variação entre as expressões de tempo decorrente com os dois verbos. O perfil de mudança em tempo aparente relacionado à curva de frequências por faixa etária entre os falantes cultos da década de 90 (ver Figura 3) pode, dessa forma, ser apenas um processo de acomodação ao panorama da variação atestado para o grupo de falantes sem curso superior. A confirmação desse quadro só será possível com o levantamento de dados da fala carioca culta e popular no Rio de Janeiro do século XXI, trabalho que ainda está por ser feito.

Cabe uma última palavra sobre o fato de as ETDs serem um contexto de resistência à supressão de *haver*, em contraste com o observado em outros contextos frásicos nos quais esse item pode variar com *ter*. Esse contraste pode estar relacionado à diferença entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver* quanto ao caráter oracional ou nominal da expressão. Tanto nas construções existenciais quanto nas locuções verbais, *haver* preserva sua condição verbal. Em situações desse tipo, pode entrar em jogo o chamado *efeito de bloqueio* (do inglês *blocking effect*), que conduz à supressão de uma determinada forma linguística nos casos em que duas formas funcionalmente idênticas entram em competição, nos termos propostos em Kroch (1994) a partir da proposta de Aronoff (1976). Esse parece ter sido o caso da disputa entre *ter* e *haver* em construções existenciais e locuções verbais, nas quais as duas formas são funcionalmente idênticas (ambas são verbos que servem praticamente às mesmas funções gramaticais), o que resultou (ou vem resultando) na supressão progressiva de uma delas – o verbo *haver*.

Em contraste, *ter* e *haver* não devem ser tratados como formas funcionalmente idênticas nas expressões de tempo decorrente, considerando que as ETDs-*ter* são oracionais, enquanto as ETDs-*haver* são nominais. Como discutido na seção 4, isso implica o tratamento de *haver* como um item preposicional, e não verbal, na constituição de tais expressões. Por extensão, o efeito de bloqueio não se aplica às ETDs, o

que significa que, se nenhum outro fator entrar em jogo, nenhum dos dois padrões de ETD está sob risco de ser suprimido. Se esta análise estiver correta, pode-se prever que a variação entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver* ficará estável, revelando que o aumento da frequência das ETDs-*ter* entre os falantes cultos não resulta de um processo de mudança em que uma forma é substituída por outra, mas de uma despolarização entre fala culta e fala popular no plano das construções com *ter* e *haver*.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005 (45ª ed.).

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

AVELAR, Juanito. "On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese". In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe (orgs.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: OUP, 2009a, pp. 158-175.

AVELAR, Juanito. "The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese". In: NUNES, Jairo (org.). *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009b, pp. 139-160.

AVELAR, Juanito. "On the status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses". In: TORK, Danièle; WETZELS, Leo (orgs.). *Romance Language and Linguistic Theory 2006*. Amsterdam: John Benjamins, 2009c, pp. 17-32.

AVELAR, Juanito & CYRINO, Sonia. *TER e HAVER na história do português brasileiro: variação, conservação e mudança*. Trabalho apresentado no VIII Seminário do Projeto PHPB (Para a História do Português Brasileiro), 2010.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. "Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil". *Gragoatá* 9, pp. 85-100, 2002.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. "Estruturas com TER e HAVER em anúncios do século XIX". In: ALKMIM, Tania (org.). *Para a História do Português Brasileiro – Vol. III*. São Paulo: Humanitas, 2003, pp. 46-67.

DUARTE, Maria Eugênia L. "Sociolinguística paramétrica: perspectivas".

In: HORA, Dermeval; CHRISTIANO, Elizabeth (orgs.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. 1999, pp. 107-114.

DUARTE, Maria Eugênia L. "Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento". In: CASTILHO, Ataliba T.; TORRES MORAIS, M. Aparecida; CYRINO, Sonia M. L.; LOPES, Ruth E. V. (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: FAPESP/Pontes, 2007, pp. 35-48.

KROCH, Anthony. "Morphosyntatic variation". In: BEALS, Katherine et al. (orgs.). *Proceedings the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*. Chicago Linguistics Society, 1994, pp. 180-201.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. "Observações sobre a variação no uso dos verbos SER, ESTAR, HAVER, TER no galego-português ducentista". *Estudos Linguísticos e Literários* 19, pp. 253-285, 1997.

MÓIA, Telmo. "Semântica das expressões temporais com HAVER". *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 1998, pp. 219-238.

PAIVA, Maíra S. *Há muito tempo atrás – Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Pontes, 1914 (12ª ed).

SAMPAIO, Maria Lucia P. *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*. Assis: Negro, 1978.

SILVA, Rosângela N. A. "A variação TER/HAVER na fala pessoense". In: HORA, Dermeval (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: ILAPEC, 2010, pp. 219-234.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. "Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra linguística". *Predição* 6, pp. 1-41, 1989.

VIOTTI, Evani. "Uma história sobre TER e HAVER". *Caderno de Estudos Linguísticos* 34, pp. 41-65, 1998.

### Resumo

Este estudo focaliza expressões indicativas de tempo decorrente com *ter* e *haver* na fala carioca, comparando os padrões de frequência desses itens entre indivíduos com e sem curso superior em dois recortes temporais distintos. Os resultados mostram que, na passagem de um para outro recorte, os indivíduos com curso superior reduzem a frequência de *haver*, aproximando-se do comportamento demonstrado pelos indivíduos do outro grupo. O estudo também sugere que, enquanto as expressões de tempo decorrente com *ter* são oracionais, aquelas com *haver* são nominais, o que permite explicar alguns contrastes sintáticos entre as estruturas com esses itens.

**Palavras-chave:** *variação, fala carioca, expressões de tempo decorrente*

### Abstract

This study focalizes expressions of elapsed time with *ter* 'to have' and *haver* 'to exist'/'there to be' in carioca dialect, comparing the frequencies of these items in the speech of individuals with and without university education in two different periods of time. The results show that, from one period to another, individuals with higher level of formal education reduced the frequency of *haver*, approaching the behavior demonstrated by the other. The study also suggests that, whereas the expressions of elapsed time with *ter* are propositional, those with *haver* are nominal, which allows to explain some syntactic contrasts between the structures with these items.

**Keywords:** *variation, carioca speech, expressions of elapsed time*